

Título do livro

Caminhar com dignidade: A história de Gichin Funakoshi

© 2025 Milton Chanes

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, armazenada em sistema de recuperação ou transmitida por qualquer meio, seja eletrônico, mecânico, por fotocópia, gravação ou outro, sem autorização prévia e por escrito do autor e/ou editor, exceto nos casos de citações breves em resenhas, artigos ou estudos críticos.

Edição: Dezembro de 2025 — Versão 18

ISBN: 9798272975201 / 9798273074408

ASIN: BoFS28QXFH

Publicação independente por meio da Amazon KDP.

Design e diagramação: Milton Chanes

Capa: Milton Chanes

Impresso e distribuído pela Amazon.

Dedicado aos meus mestres Julio Campopiano e Nelson Carrión, que, cada um à sua maneira, me guiaram pelo caminho do dō, ensinando-me o que é certo e o que não é. Também a todos os meus companheiros de treino, em especial à geração do Goshin—dō em Paysandú, Uruguai, a quem recordo com carinho sempre que visto um karategi, apesar dos quase quarenta anos passados e da distância que nos separa.

Oss.

Agradecimento especial

Desejo expressar minha profunda gratidão ao Sensei Salvador Herráiz, uma verdadeira autoridade na pesquisa da história do Karate-Do.

Graças aos seus artigos, palestras e à generosa proximidade ao compartilhar seu conhecimento, esta segunda edição pôde ser revisada e enriquecida com informações mais precisas e verificadas.

Seu trabalho incansável, rigor histórico e paixão por preservar a essência do Karate iluminaram meu caminho e deram maior profundidade a esta obra.

Obrigado, Sensei, por sua dedicação e por manter viva a história de nossa arte.

Oss.

Caminar com dignidade

堂々と歩む

Dōdō to ayumu

Romance inspirado em fatos reais

A história de Gichin Funakoshi

Milton Chanes

Esta obra recria, com base em fatos documentados, episódios da vida de Gichin Funakoshi e de seus discípulos. Todos os diálogos, cenas e detalhes foram adaptados em forma de romance, com o objetivo de transmitir a atmosfera da época.

Prólogo

A vida de Gichin Funakoshi vai muito além da de um simples mestre de artes marciais. Nasceu em Shuri, Okinawa — o antigo coração do Reino de *Ryūkyū* —, em uma família da classe *shizoku*, herdeira da tradição samurai. Seu sobrenome original era *Tominakoshi*, depois alterado para *Funakoshi*, embora não esteja claro quando exatamente isso ocorreu.

No livro traduzido para o inglês como “*Karate-Do: My Way of Life*”, o próprio Funakoshi conta que teve uma infância frágil e marcada por problemas de saúde, e que seu pai, Gishū, pertencia a uma família que havia servido como vassalos dos antigos nobres do reino.

Para fortalecer a saúde, o jovem Gichin começou a praticar artes marciais e, nesse caminho, encontrou muito mais do que vigor físico: descobriu uma via moral e espiritual que definiria o rumo de sua vida.

O encontro com Ankō Asato e Ankō Itosu foi decisivo. Desde a infância, Funakoshi formou-se sob o olhar atento de ambos os mestres, e aquela dupla tutela orientou toda a sua juventude.

Já adulto, continuou a visitá-los, aprendendo com eles enquanto a vida permitiu, até que, um a um, foram se apagando.

Asato e Itosu não apenas lapidaram sua técnica, mas também seu caráter; ensinaram-lhe que o Tōde não era simplesmente combate, e sim disciplina interior, respeito e formação moral.

Mesmo quando já atuava como professor assistente em Okinawa, permaneceu discípulo fiel de Asato, caminhando todas as noites até sua residência para treinar sob a luz tênue das lamparinas; daquelas longas horas de prática silenciosa surgiu o germe do que, com os anos e sua consagração em Tóquio, transformaria aquela arte quase secreta de Okinawa em uma disciplina universal: o Karate-dō.

Com humildade e perseverança, ensinou em pátios abertos, em salões estudantis e em templos, repetindo sempre a mesma mensagem: o Tōde deveria ser um caminho de vida, não um instrumento de violência.

Seus escritos, de *Ryūkyū Kempo Karate* a *Karate-dō Kyōhan*, deram forma a uma filosofia que unia tradição, respeito e superação pessoal.

Em 1949, seus discípulos fundaram a Japan Karate Association (JKA), com Funakoshi como presidente honorário, consolidando seu legado e formalizando seus ensinamentos.

A história de Funakoshi é também a do início da expansão do karate para além de Okinawa. Suas demonstrações públicas, a introdução em universidades japonesas e a abertura do primeiro dōjō em Tóquio marcaram o começo de uma difusão que, por meio de seus discípulos, transformaria a prática em um fenômeno global.

No entanto, sua importância transcende o âmbito do karate. Se observarmos sua vida com atenção, descobrimos que a verdadeira expansão de seu legado começou já em uma fase madura, quando ele havia passado dos cinquenta anos. E, ainda assim, sua influência alcançou dimensões extraordinárias. Porque, se hoje somarmos os milhões de praticantes de Karate-Dō Shotokan e aqueles que treinam estilos derivados — criados por discípulos diretos ou inspirados indiretamente em seus ensinamentos — chegaremos a um número que desafia qualquer lógica.

Ainda mais se considerarmos que não se trata de uma empresa comercial nem de uma marca industrial,

mas de uma arte marcial: uma disciplina íntima, transmitida de pessoa para pessoa.

Que alguém como Funakoshi, um mestre, tenha originado um movimento de tal magnitude apenas por meio de seu exemplo, de sua humanidade e de sua visão de autocontrole, revela a profundidade de seu legado e sua capacidade de transformar vidas, gerações e culturas inteiras.

Ele faleceu em 1957, aos 88 anos, deixando para trás não apenas uma arte marcial, mas uma filosofia de vida. Seu ensinamento foi eternizado por seus alunos em monumentos erguidos no templo Engaku-ji, em Kamakura, e no parque Onoyama, em Naha, onde costumava meditar.

Mas, além de datas e conquistas, permanece sua lição essencial:

空手に先手なし

Karate ni sente nashi

A frase “**No karatê não existe o primeiro ataque**”, lida como “*Karate ni sente nashi*”, está gravada para a eternidade na pedra que o recorda, no templo *Engaku-ji* de Kamakura.

Esse princípio condensa a grandeza de seu legado. Não fala em impor-se sobre o adversário, mas em vencer a si mesmo.

Tampouco fala em buscar o conflito, e sim em viver com dignidade, respeito e domínio interior.

Assim como ele próprio escreveu: “*O karate é a arte marcial do homem sábio*” — *Karate wa kunshi no bugei* —, sua visão transcendia o combate físico para abraçar o caminho do autocontrole e da paz.

Esse é o espírito que busquei evocar no título “**Caminhar com dignidade**”.

堂々と歩む

Dōdō to ayumu

O verdadeiro sucesso chega quando paixão, paciência e constância se unem — como na vida de Funakoshi, que levou o Karate do silêncio de Okinawa ao mundo inteiro.

Este livro não é uma biografia exaustiva, mas uma homenagem narrada à trajetória de um homem que, com passos simples porém firmes, ensinou ao mundo que a verdadeira vitória não está em derrotar o outro, e sim em aperfeiçoar a si mesmo — porque o autêntico combate é aquele travado dentro de nós.

Introdução

A primeira vez que vesti um *karategi* foi em 1987. Na verdade, não era exatamente um *karategi*, era um velho *judogi*, ajustado por uma costureira para minha mãe, que havia praticado judô por um breve período alguns anos antes. Eu tinha apenas um cinto amarelo, e com ele me apresentei no *Club Remeros Paysandú*, em fevereiro, onde ensinava Julio Campopiano, um *Sensei* reconhecido e respeitado no Uruguai, que também havia sido colega de minha mãe.

Treinávamos ao ar livre, à noite, sob o calor intenso do verão. Minhas primeiras aulas ainda não eram de *Karate-dō*, mas de preparação física: quedas, muitas abdominais, corridas e diversos exercícios de resistência.

Por que continuei, mesmo sem ainda saber golpear? Não sei ao certo — talvez porque havia algo diferente no ar, uma atmosfera de respeito. Logo aprendi o significado de *Kōhai*, *Senpai* e *Sensei*.

Na aula seguinte, já usava meu cinto branco — e aquele grupo de desconhecidos acabou se tornando um círculo de amigos que me acompanha até hoje.

O *dōjō* do *Club Remeros Paysandú* era exigente. O piso, de concreto granulado, arranhava como uma lixa, bastaram poucos treinos para que surgissem as primeiras bolhas, até que os pés se calejassem. Corríamos descalços

pelas ruas, sobre o cascalho e o asfalto, e treinávamos sem qualquer tipo de proteção. Eram os fins da década de oitenta, uma época em que se acreditava que treinar duro significava imitar os antigos mestres da *JKA*.

De fato, no *dōjō* havia dois *makiwara* cobertos com borracha de pneu na parte superior, onde golpeávamos até endurecer os nós dos dedos.

Nosso treinamento seguia a linha tradicional da *Japan Karate Association* —*Nihon Karate Kyōkai*—, que chegou à América do Sul nos anos sessenta pelas mãos do mestre *Michihisa Itaya*, que desembarcou em Buenos Aires em outubro de 1966.

Após sua trágica morte em um acidente de automóvel em 1972, seu lugar foi ocupado por Mitsuo Inoue Sensei, que continuou o ensino do estilo *Shōtōkan* sob a direção da *JKA*. Ele foi o primeiro japonês que conheci pessoalmente, forte, de voz potente, inesquecível. Com ele realizei todos os meus exames de *kyū*.

Muitos anos depois, já na Espanha, voltei a treinar em Logroño com o Dr. *Rafael Ibáñez Moro*, que me apresentou outra forma de praticar o *Karate-dō*, dando prioridade ao dinamismo e ao treino das técnicas de perna,

que para mim eram mais difíceis do que para outros companheiros. Aprendi muito e, acima de tudo, me diverti.

O caminho me levou a conhecer *Nelson Carrión Sensei* em 2014. Discípulo direto de *Hidetaka Nishiyama Sensei*, com ele descobri um nível de detalhe técnico e conceitual que me obrigou a recomeçar tudo o que havia aprendido. Foi-me apresentado por *Carlos Demarco Sensei*, meu *Senpai* no Uruguai. Aquilo foi como começar do zero novamente, mas também como compreender, pela primeira vez, para onde o *dō* me conduzia. Desde então, treino sob seus ensinamentos — muitas vezes em solidão —, ainda que sempre guiado por suas palavras e seu exemplo.

Encontrei esse mesmo espírito no *dōjō* de *Stara Wieś*, na Polônia, quando tive a oportunidade de treinar com mestres como *Mahmoud Tabassi*, *Albert Cheah*, *Włodzimierz Kwieciński* e o próprio *Carrión*. Ali, nos *gasshuku* de verão, voltei a sentir o mesmo que no meu primeiro dia em Paysandú, uma mistura de distância e proximidade, de humildade e aspiração.

O ambiente era moderno e confortável — piscina, sauna, *tatami* acolchoado, casas de estilo japonês no centro da Polônia —, mas o espírito marcial permanecia intacto. Apesar de tantas comodidades, a essência era a

mesma. Cercado por mais de trezentos *karatekas*, em sua maioria poloneses, além de tchecos, russos, ucranianos, brasileiros e outras nacionalidades, voltei a experimentar o verdadeiro espírito do *dōjō*, a marcialidade. *Karatekas* excepcionais, sem dúvida.

O impacto foi tão grande que, naquele verão de 2016, pensei que alcançar o nível deles me tomaria três vidas. Eram simplesmente inalcançáveis.

Com o tempo, já vivendo na Alemanha, comecei a participar de seus torneios. Cada vez que subo ao pódio — independentemente da colocação —, minha satisfação não está na medalha, mas em saber que estou um pouco mais próximo do caminho correto. Esse progresso, devo dizer, é fruto do método e da orientação de *Sensei* Carrión.

Muitos ainda são artistas marciais mais completos, mas graças a seus ensinamentos consegui encurtar meu tempo de aprendizado e compreensão. Por isso, competo com eles e não contra eles, porque são minha referência, não meus rivais. Meu único propósito é superar a mim mesmo, ser melhor do que a versão de ontem. Nem mesmo gosto de subir ao pódio com uma bandeira, não represento um país, represento minha busca pessoal por crescimento.

Sensei Carrión acredita que não deveríamos competir, mas eu o faço porque é minha oportunidade de compartilhar com pessoas que amam o mesmo que eu. A camaradagem e as amizades que formei nesses torneios justificam amplamente essa escolha. Visitar a **Polônia, República Tcheca, Itália, França, Espanha e Brasil** sempre foi um prazer, porque em cada lugar o *karatê* me presenteou com encontros e amizades.

O *karatê* nunca distingue entre ricos e pobres, entre universitários e crianças de escola, é universal. Mesmo falando línguas diferentes, sempre nos entendemos. Esse espírito nasceu com Funakoshi *Sensei*.

Esse caminho me obrigou a recomeçar mais de uma vez. Cada mestre me transmitiu a mesma mensagem essencial, mas com sua própria forma de explicá-la. Essa é a beleza do Karate-dō tradicional: cada reinterpretação nasce da prática incansável, como um pintor que primeiro domina a técnica até que, pouco a pouco, encontra seu próprio estilo.

Lembro-me daquela pequena foto em preto e branco diante da qual todos nos inclinávamos ao entrar no *dōjō*: um gesto simples, carregado de respeito por aquele homem que deu forma ao que hoje praticamos. Essa imagem me acompanha desde então, e foi por isso

que quis prestar-lhe homenagem nesta obra — ela também faz parte da capa. Quem já praticou *Karate-dō Shōtōkan* sabe bem de qual foto estou falando.

Este livro não pretende ser exaustivo. Busca oferecer uma narrativa em que história e experiência pessoal se entrelaçam uma tentativa de honrar o mestre de nossos mestres. Mais do que contar sua vida, procura transmitir seu espírito, o mesmo que ainda se sente toda vez que um praticante de *Karate-dō* se inclina diante dessa foto e recorda que, em última instância, o verdadeiro combate é consigo mesmo.

道の始まり

Michi no hajimari

Parte I

O começo do caminho

Capítulo 1

As cinzas de um sonho

Tóquio, primavera de 1945

O veículo avançava devagar —um daqueles carros antigos da guerra, consertado inúmeras vezes, um dos poucos automóveis civis que escaparam da requisição militar. Seguia com esforço por um caminho aberto entre os escombros. Cada buraco fazia o motor vibrar, e o cheiro de fumaça entrava pelas janelas. Ao longe, ainda se ouvia o estalo das madeiras se partindo.

O homem ao volante mantinha o olhar fixo à frente, os lábios apertados. Ao seu lado, o filho de dezesseis anos observava em silêncio as ruínas pela janela.

— Taka-chan... — disse o pai por fim, usando o apelido carinhoso de sempre. — Ainda não entendo por que você.

—O que quer dizer, pai? —perguntou o jovem, virando-se para ele.

—De todos os seus discípulos, por que enviaram um rapaz? Por que não veio um dos alunos mais antigos?

O filho respirou fundo.

—No começo, iam vir Obata—*senpai* ou Egami—*sensei*. Até Nakayama—*senpai* considerou. Mas todos

preferiram ficar lá, removendo escombros, tentando salvar o que restou. Queriam que, quando *Sensei* chegasse, visse ao menos um pouco de dignidade entre as ruínas.

O pai arqueou as sobrancelhas.

—E então?

—Então Nakayama—*senpai* disse meu nome. Disse que eu sempre estava disposto a ajudar. E além disso... assim eu poderia viajar com o senhor.

O homem deixou escapar uma breve risada.

—Esse Nakayama... Mas ainda acho que é responsabilidade demais para alguém da sua idade.

—Tenho dezesseis, pai.

—Justamente.

O jovem deu de ombros.

—Não sei. Todos concordaram. E, depois de tantos dias trancados por causa das sirenes e dos bombardeios, a ideia de sair um pouco me pareceu boa.

—Sim, mas não é um passeio, Taka—chan. Preparar este carro para a viagem já foi bastante complicado, e é quase um milagre que ainda esteja

funcionando. Só espero que não nos cause problemas antes de chegarmos.

O rapaz voltou-se para a janela.

—Eu sei, não é um passeio. E também não acho que o cenário vá continuar bonito por muito tempo. Teremos de aprender a viver nesta loucura.

O homem assentiu.

—É verdade. Nenhum de nós concorda com o que está acontecendo. Mas ainda há homens que nos mostram outro caminho. E esses devem ser seguidos.

O rapaz abaixou o olhar, com um orgulho tímido.

—É diferente, pai... Será porque ele não é japonês?

O homem deixou escapar um leve sorriso, quase divertido.

— Não, Taka-chan. É claro que ele é japonês. Mas não é daqui, não é de Tóquio. Ele vem de Okinawa, e isso faz diferença.

O filho o olhou, curioso.

— E o que muda crescer lá?

O pai assentiu devagar.

— Muita coisa. Okinawa não viveu como nós essa febre de império e de conquista. O povo de lá cresceu com outra música, outro tipo de calma. É um povo que conhece a pobreza, a simplicidade e a dureza do mar, não a soberba dos uniformes nem os discursos grandiloquentes.

O rapaz deixou escapar um murmúrio, como se de repente entendesse algo importante.

— Então não é que ele seja menos japonês... é que aprendeu a olhar o mundo de outra maneira.

— Exato — respondeu o pai, em voz baixa. — Não foi a arrogância das grandes cidades que o formou, mas a humildade de uma ilha distante. Por isso ele é diferente. Por isso parece mais humano do que todos nós.

O Toyota avançava lentamente, como se também para ele fosse difícil atravessar aquelas ruas destruídas. Em certos trechos, os escombros obrigavam o pai a manobrar com cuidado, desviando de vigas queimadas, veículos retorcidos e algum carro virado. Às margens do caminho, pessoas empurravam carrinhos carregados com o pouco que lhes restava; outros seguiam em bicicletas velhas, e alguns puxavam pequenos carrinhos improvisados, substitutos forçados dos automóveis que a guerra lhes havia tomado. Pouco a pouco, ao deixarem o

centro para trás, o ar começou a se limpar: menos fumaça, menos cheiro de cinza.

Entravam em Mejiro, um bairro residencial que havia resistido melhor aos bombardeios. Ali, as casas térreas ainda se mantinham de pé, algumas com jardins maltratados, mas vivos, como se se recusassem a desaparecer por completo.

Enquanto o carro avançava devagar, o jovem rompeu o silêncio:

—Pai... o que ainda não entendo é por que o filho dele não veio.

—A qual dos filhos você se refere, ao Waka-sensei?

—Sim, claro.

O homem manteve os olhos fixos na estrada, e sua voz baixou um tom.

—Isso é impossível. Hoje de manhã falei com o irmão dele. Foi ele quem me explicou tudo. Waka-sensei mal consegue respirar agora. É impossível que nos acompanhe.

O rapaz o olhou, surpreso.

—Ele sempre foi forte... não tenho dúvidas de que vai superar isso.

—Tomara —murmurou o homem, abaixando a voz—. Mas não o vi nestes dias, e o irmão me confessou que ele está muito mal. Quase não lhe resta energia; o desgaste se nota em cada gesto.

—Pai, como se chama o irmão dele?

—Yoshihide, o mais velho —respondeu após uma breve pausa—. Foi ele quem me indicou com detalhes onde encontraríamos o pai deles. Disse que algum de seus alunos me acompanharia, mas não imaginei que seria você.

—Já sei quem é. Eu o conheci em sua casa faz algum tempo. E acho que ele também tem uma filha; já a vi uma vez quando fui treinar no dōjō.

—Funakoshi-sensei tem duas filhas, pelo que sei: Tsuru e Uto.

—Então... quantos filhos Rō-sensei tem?

O pai soltou um leve suspiro.

—Não tenho certeza absoluta. Acho que, ao todo, são cinco. É possível até que ele tenha tido outro filho que morreu em Okinawa, mas não posso afirmar com exatidão. —Então, foi Yoshihide quem pediu ao senhor que fôssemos buscar o *Sensei*?

—Não exatamente. Há alguns dias recebi no escritório uma carta de Waka-sensei, trazida por alguém. Nela, ele me pedia esse favor, porque dizia que eu era um dos poucos que ainda tinha um carro funcionando. Tive que consertá-lo às pressas para esta viagem, mas não consegui dizer não.

—Entendo, pai.

—Imagino que depois ele tenha pedido a Nakayama que buscasse alguém para me acompanhar... e assim você acabou aqui.

—Sim... pode ser.

O silêncio tomou o carro por alguns segundos. Do lado de fora, as ruínas passavam devagar como fantasmas. O rapaz abaixou o olhar, finalmente compreendendo.

—Com certeza foi coisa de Waka-sensei —disse enfim, num fio de voz.

O pai assentiu devagar.

—Sim, Taka-chan. É bem provável. Doente e tudo, Waka-sensei continua organizando tudo.

O filho perguntou, curioso:

—Pai, e por que Funakoshi-sensei está aqui? O senhor sabe? Suponho que tenha amigos, ou algum parente por aqui... —murmurou o jovem.

—Talvez —respondeu o pai após uma pausa—. Na verdade, não sei. É possível que tenham sido os filhos que o incentivaram a ficar neste bairro: longe o bastante do centro devastado, mas não distante demais deles.

—A esposa dele está com ele?

—Acho que não. As mulheres e as crianças foram evacuadas para diferentes lugares. Não sei se ela já conseguiu voltar.

—Será que ele sabe em que estado ficou a casa dele?

—Não sei —murmurou o pai—, mas deve imaginar. Se o dōjō está destruído, é difícil pensar que sua casa — que ficava bem em frente — tenha conseguido se salvar.

O rapaz então fixou o olhar.

Ao longe, ao lado de uma árvore que sobrevivia torta entre os escombros, uma figura aguardava em silêncio.

—Pai... ali está —sussurrou, erguendo a mão—. Olhe.

O carro reduziu a velocidade. Os dois ficaram em silêncio, quase prendendo a respiração. Lá estava Funakoshi, com setenta e seis anos. Em pé, o corpo magro e levemente inclinado pela idade, mas vestido com um impecável quimono de seda cinza. Segurava o chapéu pelas abas, apertando-o contra o peito, como se esse gesto bastasse para dar solenidade ao momento.

Não era alto nem forte, e ainda assim sua simples presença parecia preencher todo o espaço ao redor. Ao ver o carro aproximar-se ao longe, endireitou-se com calma.

O pai baixou a voz, como se temesse quebrar o instante:

—Vê? Ele é sempre assim. Não importa a idade, nem a ruína ao redor. Tem algo... algo que não se pode explicar.

O rapaz o observava fascinado, com os olhos brilhantes.

—Por isso o seguimos, não é?

—Sim, Taka-chan. Porque alguns homens não precisam gritar sua grandeza. Basta permanecerem de pé.

O carro parou suavemente. Funakoshi levantou o olhar em direção a eles. Com calma, colocou o chapéu sobre a cabeça, como quem recebe uma visita importante.

Quando o jovem desceu apressado e se inclinou profundamente, o homem já idoso para a época respondeu com um sorriso sereno, quase imperceptível, mas suficiente para aliviar a tensão daquele encontro.

—Ah... enviaram o mais jovem para buscar o mais velho —disse com um leve sorriso, pousando os olhos no rapaz—. Hidetaka, como você está?

O adolescente ergueu a cabeça, surpreso por ter sido chamado diretamente. Não soava como repreensão, era um gesto afetuoso, carregado de calor.

O pai deu um passo à frente, inclinando-se com respeito.

—Funakoshi-sensei, viemos buscá-lo para acompanhá-lo ao dōjō. Os demais estão esperando.

—O que restou do dōjō... —corrigiu o mestre com serenidade, sem alterar o tom.

Ambos fizeram uma careta, reconhecendo a verdade em suas palavras.

—Por favor, Sensei —disse o pai, estendendo o braço em direção ao automóvel.

Funakoshi ajeitou o chapéu com calma e avançou com passos curtos e firmes até o carro.

—Onde me sento? —perguntou, como se o importante fosse apenas a cortesia do gesto.

O jovem respondeu com entusiasmo contido:

—Rō-sensei, o senhor ficará mais confortável atrás.

O ancião assentiu, tirou o chapéu e o colocou com cuidado ao lado do banco traseiro antes de acomodar-se com dignidade atrás do motorista.

O rapaz voltou ao seu lugar, ao lado do pai, no banco da frente. De lá, bastava virar a cabeça para ver o perfil do mestre, absorto no que acontecia além da janela.

O volante ficava à direita, como em todos os automóveis japoneses. No retrovisor, o pai via o rosto sereno de Funakoshi —sem abatimento nem ira— entregue aos próprios pensamentos.

O rapaz permaneceu em silêncio. Sentiu que aquela imagem ficaria gravada para sempre: o homem a quem todos chamavam *Rō-sensei*, ou simplesmente Sensei, sentado no banco de trás do carro de seu pai — um

dos poucos que ainda funcionavam em todo o círculo próximo ao mestre — irradiando a serenidade de quem aprendeu a aceitar tanto a vida quanto a ruína.

—*Sensei*, levaremos um pouco mais de uma hora para chegar ao dōjō, talvez duas —avisou o pai—. As estradas ainda estão cheias de escombros e há equipes trabalhando na limpeza. Além disso, há postos de controle em vários cruzamentos.

Funakoshi assentiu lentamente, sem tirar os olhos da janela.

—Não há problema —respondeu com voz serena—. Não tenho pressa para chegar.

Após alguns segundos, o jovem criou coragem para perguntar:

—Sua esposa está bem?

O mestre inclinou levemente a cabeça.

—Obrigado por perguntar, Hidetaka. Sim, ela está bem. Gosei está com minhas filhas. Assim que for possível, nos reuniremos.

Seus olhos perderam-se na paisagem devastada, enquanto o carro avançava entre ruínas e figuras que

carregavam tábuas. Em seu semblante não havia impaciência, apenas a melancolia de quem contempla o mundo em silêncio, pensativo, com a calma de quem já aprendeu a aceitar o inevitável.

Capítulo 2

O conselho do médico

Shuri, Reino de Ryūkyū. Outono de 1874

Um médico de confiança da família chegou ao entardecer, quando o ar úmido trazia o cheiro salobro do porto e o vento do norte fazia ranger as venezianas de madeira. As sombras se alongavam sobre as telhas vermelhas, gastas pela maresia. Trazia consigo sua maleta de madeira polida e aquela cortesia contida, quase cerimonial, própria de quem servia a famílias de funcionários.

O pequeno Gichin tinha cinco anos, embora em poucas semanas fosse completar seis, com um corpo tão frágil que cada suspiro parecia um esforço. O peito estreito e ligeiramente afundado fazia o ar entrar com dificuldade, como se precisasse abrir caminho à força. Observavam-no em silêncio: a mãe ao lado dele, com a mão pronta para ampará-lo, e o pai, Gishū Funakoshi, de pé, com expressão preocupada.

O médico aproximou o ouvido do menino, percorreu com os dedos as costas ossudas e, ao terminar, deixou escapar um suspiro. Esse som ficou suspenso no quarto, invisível e tenso, como uma corda prestes a se romper.

—É fraco —disse enfim, em voz baixa, como se temesse ferir—. Muito fraco. Vai precisar de cuidados. Pouca rua. Pouca intempérie. Muita calma.

A mãe apertou os lábios, contendo as palavras. O pai deu um passo à frente.

—Ele vai se recuperar? —perguntou, com a voz carregada de inquietação.

O médico sustentou o olhar dele e falou devagar, como quem carrega uma verdade pesada:

—Cuido dele desde que nasceu. Quando era bem pequeno, tive mais dúvidas, parecia que não passaria do primeiro inverno... e, no entanto, sempre conseguiu se levantar. Isso me dá esperança. Mas também preciso dizer a verdade: a cada ano o mal o atinge com mais força, e ele demora mais para se recuperar.

Abriu a maleta e tirou um pequeno embrulho de papel com folhas secas.

—Vamos continuar com o mesmo remédio, mas vou aumentar a dose. São ervas que ajudam a aquecer o peito e a soltar a respiração: alcaçuz, gengibre seco e um pouco de canela. Que ele tome tudo fervido em água, duas vezes por dia, durante um mês. O corpo precisa de ajuda

para ganhar tempo... e o tempo, às vezes, é o melhor remédio.

—Há mais alguma coisa que possamos fazer por ele? —perguntou Gishū Funakoshi, com a voz pesada de preocupação.

O médico o fitou em silêncio, depois voltou os olhos para o menino.

—Por enquanto, não. O corpo dele é frágil demais. Se o forcarmos, vai crescer com mais problemas do que já tem. Mas, no futuro, ele deveria aprender Tōde —afirmou.

O pequeno Gichin, sentado a um lado, ouvia imóvel, com os olhos grandes fixos no médico.

O homem continuou:

—Por ora, o melhor é que ele se concentre nos estudos. Que passe mais tempo dentro de casa, longe das mudanças bruscas de ar e umidade. Isso vai lhe dar calma e mantê-lo a salvo. Às vezes, a disciplina das letras é o melhor remédio.

Gishū assentiu lentamente, em silêncio. Sabia que o filho era frágil, mas também intuía que aquela serenidade nos olhos escondia algo mais. Ainda que o

médico duvidasse do corpo, ele confiava que o espírito do menino encontraria um caminho para se fortalecer.

Desde então, a casa mudou de som. Em vez dos gritos de outras crianças que corriam atrás dos caranguejos no riacho, ouvia-se a voz do pequeno repetindo sílabas ao lado do tatame. Os vizinhos o viam cruzar o batente e diziam “*coitadinho*”, mas ele parecia não escutar. Sentava-se junto à luz oblíqua da tarde, com um pincel grande demais para seus dedos, e copiava caracteres bem devagar, como se cada traço fosse uma respiração que precisasse ser aprendida.

Ele não brincou de luta na poeira. Não subiu aos galhos mais altos da árvore de *fukugi*, nem ralou os joelhos nas ladeiras atrás do santuário. Em vez disso, aprendeu a escutar. A ouvir a chuva chegando do mar antes mesmo de as nuvens aparecerem. A distinguir o estalo das fibras do tatame quando alguém entrava apressado. A sentir o cheiro de *awamori* no hálito dos homens ao fim da tarde, e a saber que, por trás de cada gargalhada, havia uma história.

As outras crianças, tostadas de sol e de rua, riam alto quando o viam tão sério e magro. Às vezes o empurravam ao passar e saíam correndo, em meio a

risadas. Gichin não se queixava; tinha aprendido que a dor sempre chegava tarde, como um eco. Encontrara uma trincheira nas páginas. Ali, ele podia ser forte, ali as mãos sabiam mais do que o corpo. Desenhava, pintava, escrevia poemas breves que não mostrava a ninguém, apenas traços de três ou quatro linhas em que o mar e o vento eram amigos que o visitavam todas as tardes.

Passou boa parte da infância em casa, dedicado mais à caligrafia e à literatura do que às brincadeiras físicas. Também frequentava a escola de Shuri, onde, no começo, recebia o ensino tradicional do antigo Reino de Ryūkyū. Mas em 1879 tudo mudou: o reino foi abolido e transformado na Prefeitura de Okinawa, e ele passou a estudar sob o sistema japonês.

Tinha então dez anos. Foi nessas salas de aula que se tornou colega e amigo do filho de Ankō Asato. Ainda não sabia, mas aquela amizade marcaria o início de um caminho que transformaria sua vida.

Capítulo 3

**Sem perguntas não há
respostas**

O carro avançava devagar, desviando de montes de cinza e vigas enegrecidas que ainda exalavam fumaça nas bordas da rua. Tóquio respirava um silêncio ferido, um murmúrio apagado onde antes havia risos, pregões de mercado e passos apressados. Cada curva era um lembrete da guerra, colunas tortas, telhados abatidos, cicatrizes abertas na terra.

No banco de trás, o mestre Funakoshi observava pela janela. O quimono cinza formava pregas sobre os joelhos, onde repousavam mãos finas e imóveis. Seu rosto, sereno e austero, não deixava adivinhar se contemplava as ruínas diante dele ou lembranças muito mais antigas. No dia anterior, havia recebido seu filho Giei, que o convencera a aceitar a ajuda de Nishiyama para chegar ao *dōjō* destruído. O que não esperava era fazê-lo de carro.

No banco da frente, Hidetaka, de dezesseis anos, lançava olhares furtivos para trás. Tinha aguardado toda a manhã por aquele instante, estar a sós com ele, longe do *dōjō*, com a ilusão de ousar perguntar o que tantas vezes calara. Ainda não sabia que palavra escolher nem por onde começar, mas tinha claro que estar tão perto do mestre era como estar diante de uma fonte: bastava inclinar-se para beber.

O primeiro a romper o silêncio foi o homem ao volante, pai de Hidetaka, advogado de profissão:

—*Sensei*, lamento não poder ir mais rápido. As vias continuam cobertas de escombros.

Funakoshi assentiu lentamente, sem desviar o olhar da janela.

—Sem pressa —respondeu em voz grave—. O tempo já não se mede do mesmo modo para mim.

O silêncio voltou a preencher o carro, denso e expectante. Então o rapaz inclinou-se um pouco para trás e, com respeito, deixou escapar a voz contida:

— Rō-sensei... posso lhe perguntar algo?

O ancião virou a cabeça e o olhou. Em sua calma havia um peso que tornava desnecessário qualquer reproche.

—Pergunte, Hidetaka. Pergunte sempre. A única maneira de aprender é ousar perguntar primeiro.

O jovem engoliu em seco.

—Li alguns de seus livros, *Sensei*... —disse com timidez—. Qual foi seu mestre preferido? E por que teve dois?

—Hidetaka! —interveio o pai de imediato, franzindo o cenho—. Não seja impertinente.

Funakoshi ergueu ligeiramente a mão, detendo o reproche com um gesto sereno.

—Não se preocupe, senhor Nishiyama —respondeu com suavidade—. A pergunta de seu filho não é inoportuna, ao contrário, é valiosa. Além disso, se conversarmos, a viagem ficará mais curta para todos.

O rapaz baixou o olhar por um instante, depois o ergueu novamente, esperançoso. Funakoshi o observava com calma de quem sabe que as perguntas nascem da inquietação mais genuína.

—Veja, Hidetaka —começou o mestre—, a vida me colocou no caminho de dois homens muito distintos e, ao mesmo tempo, profundamente unidos na arte do *Te*, como chamávamos em Okinawa. Um foi o mestre Ankō Asato, o outro, Ankō Itosu. A ambos devo o que sou, e a ambos honro cada vez que ensino. Embora eu tenha tido o privilégio de aprender com outros, foram eles que mais me marcaram. Tudo o que transmito tem raízes nos seus ensinamentos.

Mesmo meu próprio pai conhecia algo de *Te*. Mas em Okinawa nada se ensinava de modo formal: a prática

era quase sempre clandestina, sem regras escritas nem escolas organizadas. Não havia manuais, nem títulos, nem ambição de estilos. Cada mestre ensinava o que aprendera e, sobretudo, o que ele próprio descobrira útil em sua experiência.

Assim, os movimentos eram transmitidos como uma tocha que passava de mão em mão. Com o tempo, em cada aldeia certos gestos ganhavam mais importância que outros, e pouco a pouco se transformavam em técnicas mais depuradas. Daí nasceram as distinções que hoje chamamos *Shuri—te*, *Naha—te* e *Tomari—te*. Não porque fossem artes diferentes, mas porque os homens, para compreender, tendem a classificar. No fundo, todas partilhavam o mesmo espírito: proteger a vida, temperar o caráter e fortalecer o corpo.

A diferença estava no olhar de cada mestre. Um dava mais importância à respiração, outro à fluidez, outro à velocidade. E, ao insistir nesses aspectos, acabavam aperfeiçoando-os. Seus discípulos continuavam esse aperfeiçoamento e assim, pouco a pouco, nasceram as correntes que conhecemos.

A maioria repetia sem se perguntar por quê. Fazia-se assim porque funcionava, e bastava. Mas tive a fortuna

de contar com mestres que não tinham as perguntas. Sempre me incentivaram a questionar e, quando não tinham resposta, tinham a humildade de enviar-me a buscá-la em outro mestre. Essa é a verdadeira grandeza: aceitar que o conhecimento nunca é completo, que só se partilha e se amplia em conjunto.

Por isso visitei mestres diferentes e observei com atenção suas particularidades, até compreender que todas compartilhavam um mesmo fundamento. Ali entendi o verdadeiro valor dos *kata*. Não eram uma coreografia vazia, mas uma linguagem silenciosa, um manual escrito em movimentos. Neles se guardava a memória dos mestres do passado e a possibilidade de descobrir o sentido profundo de cada gesto.

—*Sensei*, se os *kata* são uma linguagem, como se aprende a ler o que está escondido neles?

—A verdadeira essência do *Te* —respondeu o mestre após breve pausa— é compreender antes de executar. Só quando você sabe por que a mão se move... é que, de fato, move-se o espírito.

—Então com eles o senhor aprendeu a dar sentido a cada movimento? —insistiu o rapaz, inclinando-se para a frente.

—Pode-se dizer que sim —assentiu o mestre—. Mas a explicação é mais complexa. E como hoje o tempo está a nosso favor, aprofundemos nisso, se lhe parecer bem.

—Será uma honra, *Sensei* —disse o rapaz, inclinando-se numa pequena reverência de gratidão a partir do assento.

O carro avançava lentamente entre os escombros da cidade. Do lado de fora, as ruínas de Tóquio pareciam também escutar a voz do ancião.

—O mestre Asato —continuou Funakoshi— era um homem de espírito nobre, severo e sábio. Vinha de uma família de certa posição e, além de dominar a arte do *Te*, fora educado em equitação, esgrima e artes militares. Era um estrategista, alguém que compreendia que o combate não é apenas o choque de forças, mas o cálculo preciso do momento. Com ele aprendi a importância da disciplina interior e da estratégia.

Fez uma pausa; seus olhos pareceram deter-se numa lembrança.

—Asato tinha o hábito de fazer-me repetir um único movimento por horas, às vezes por dias. Não buscava que eu memorizasse uma técnica, queria que eu me fundisse com ela até que já não houvesse diferença

entre o gesto e o meu próprio ser. “*Não se contente em aprender o kata*”, dizia-me, “*torne-se o kata*”.

O rapaz ouvia fascinado, recostando-se no assento para não perder palavra.

—E depois havia Itosu-sensei —prosseguiu Funakoshi—. Era diferente. Mais acessível, mais próximo do povo. Preocupava-se com as crianças e foi ele quem insistiu que o *Te* deixasse de ser um segredo transmitido em pátios escondidos e passasse a fazer parte das escolas. Tinha um coração generoso e compreendia que o futuro da arte não estava nos adultos já formados, e sim nos jovens que ainda podiam ser moldados. Com ele aprendi não só técnicas, mas também a paciência e a clareza necessárias para transmiti-las. Foi Itosu—sensei quem criou muitos dos *kata* básicos que ainda hoje praticamos, por exemplo, os *kata* que hoje chamamos *Heian*. Ele os criou sob o nome okinawano de *Pinan*, pensando nos estudantes, para oferecer-lhes um caminho seguro ao iniciarem-se na arte.

—Então... criou os *Pinan* para que pudéssemos entender com mais facilidade os *kata* antigos? —perguntou Hidetaka.

—Não exatamente —respondeu o mestre pausadamente—. Itosu—sensei não pensava nos *kata*

antigos como um enigma a ser simplificado. O que buscava era oferecer aos jovens, especialmente às crianças, um caminho que pudessem percorrer com um corpo ainda imaturo. Os movimentos dos *kata* tradicionais podiam ser exigentes demais para sua motricidade, ásperos demais para músculos e articulações que mal começaram a se formar. Por isso criou os *Pinan*, não como uma cópia simples do antigo, mas como uma ponte. Uma ponte que os preparasse em disciplina, equilíbrio e clareza de gesto, para que mais adiante, quando o corpo se tornasse forte e a mente se templasse, pudessem adentrar os *kata* mais antigos e compreendê-los com verdadeira profundidade.

—Por que o nome foi trocado para *Heian*, Sensei?
—perguntou Hidetaka com respeito.

Funakoshi inclinou a cabeça de leve, como se recuasse no tempo.

—Porque os nomes encerram um espírito, e cada espírito precisa encontrar seu lugar na língua de quem o pratica. Quando *Itosu—sensei* criou esses *kata* e os chamou de “caminho para a paz e a tranquilidade” — que é o que *Pinan* significa em *uchināguchi*, a língua de Okinawa — pensava nas crianças da ilha. Mas quando

levei o *Tōde* ao Japão, descobri que, para os japoneses, a palavra *Pinan* era difícil de pronunciar e ainda mais de recordar.

Fez uma pausa, suas mãos finas moveram-se sobre os joelhos, como acompanhando a lembrança.

—Em japonês, a pronúncia natural transformava *Pinan* em algo próximo de *Heian*. E como *Heian* também significa “paz e calma,” compreendi que era uma solução perfeita. Conservava o sentido original e, ao mesmo tempo, ganhava uma ressonância mais clara para os estudantes japoneses. Mudei o nome não para alterar a intenção do meu mestre, mas para que seu ensinamento pudesse ser compreendido, repetido e transmitido sem tropeços em uma nova terra.

Ergueu o olhar para Hidetaka e acrescentou em tom firme, mas sereno:

—O nome muda, o espírito não. *Itosu—sensei* queria que esses *kata* abrissem o caminho a todos os jovens. Eu apenas garanti que esse caminho pudesse ser percorrido também no Japão, com a mesma clareza com que ele o sonhou em Okinawa.

O pai de Hidetaka, sem tirar os olhos da estrada, interveio com respeito:

—Então, *Sensei*, pode-se dizer que um foi o guardião da tradição e o outro o semeador do futuro?

Funakoshi assentiu lentamente.

—É uma imagem justa. Asato cuidava a raiz, o espírito profundo da arte, com a severidade de um samurai. Itosu, ao contrário, abriu os ramos para a sociedade, para as crianças, para a modernidade. Tive a fortuna de beber de ambas as fontes. Às vezes penso que, sem esses dois homens, o karatê nunca teria saído de Okinawa nem chegado ao Japão.

—E como esses *kata* básicos ajudam, se me permite a pergunta, a entender melhor um movimento, *Sensei*?

—Tomemos um exemplo —disse Funakoshi com calma—. O primeiro movimento do *kata Pinan Nidan*, que você conhece como *Heian Shodan*.

—Bem... começa-se com um bloqueio baixo, *gedan—barai*, e depois se ataca com *tsuki* —respondeu o aluno com segurança.

—Exato, esses são os gestos visíveis. Mas diga, o que você acha que se busca realmente com esses dois movimentos?

—Segundo nos explicaram... —começou a dizer, mas o mestre o interrompeu suavemente.

—Não. Não quero que repita o que ouviu —disse o mestre com calma—. Você pratica *Kendō*, certo? Então quero sua própria interpretação desses movimentos.

Nishiyama se ajeitou no assento com a seriedade de quem enfrenta um exame. Ficou em silêncio por alguns instantes e, por fim, em voz firme, respondeu:

—Para mim, *Sensei*, mais do que um bloqueio... o primeiro movimento é um ataque.

Funakoshi inclinou levemente a cabeça, um gesto que o incentivava a desenvolver a ideia.

O jovem continuou:

—Se penso como dois movimentos separados, primeiro defesa e depois ataque, sinto que demoro demais para responder. Nesse caso, o *tsuki* seria o único golpe real, e o primeiro gesto ficaria limitado a evitar um ataque... talvez a bloquear ou desviar uma *mae-geri* dirigida ao peito.

—Então, como você interpreta? —perguntou Funakoshi ainda calmo.

—Para mim, o primeiro “bloqueio” não é defesa, é ataque. Executo-o como se golpeasse a coxa do oponente e, em seguida, encadeio o *tsuki* ao peito. Concebo como um único movimento com dois impactos. É... atacar o ataque, se me permite dizer assim.

Funakoshi assentiu lentamente.

—É isso, rapaz. Essa interpretação que você fez é a essência de um *kata*. Com o tempo, cada praticante descobre seu próprio sentido em cada movimento. Esse é seu segredo, sua linguagem. O *kata*, por si só, não é mais do que uma coreografia. Mas quando quem pratica encontra sua aplicação, o gesto deixa de ser vazio e passa a fazer parte do instinto. Então já não importa perguntar por que a mão se move... porque, no momento certo, simplesmente vai se mover. Entende agora?

O silêncio tomou o interior do carro por alguns instantes, até que uma voz sincera o rompeu:

—Obrigado, *Sensei*. Sua explicação... eu jamais esquecerei.

O carro entrou numa rua menos tomada por escombros. A tarde filtrava-se entre edifícios feridos pela guerra.

—*Sensei...* e qual dos seus dois mestres o marcou mais? —perguntou Hidetaka.

O ancião deixou escapar um leve sorriso, como se carregasse aquela dúvida há décadas.

—Não posso escolher, Hidetaka. Seria como perguntar a uma árvore qual de suas raízes lhe dá mais vida. De Asato recebi o rigor, a disciplina do espírito, a certeza de que cada passo deve ser dado com plena consciência. De Itosu recebi a clareza, a paciência com quem está apenas começando. Juntos deram-me equilíbrio, a raiz e o ramo, a severidade e a compaixão.

O silêncio voltou a preencher o carro. Do lado de fora, crianças descalças corriam entre ruínas rindo como se desafiassem a própria tragédia. Funakoshi acompanhou-as com o olhar, sua voz tornou-se um murmúrio:

—Itosu-sensei costumava dizer-me que a arte não faz sentido se não pode ser transmitida. “*De que serve sua força se você não ensina outros a serem fortes?*”, repetia. E tinha razão.

Hidetaka, tocado pelas palavras, perguntou em voz baixa:

—Então todos precisamos de mais de um mestre?

Funakoshi olhou para ele com ternura.

—Na vida, temos muitos mestres, mesmo quando não os chamamos assim. Nossos pais o são. Os professores da escola, os do *dōjō*. De cada um aprendemos algo, mas somos nós que escolhemos o que guardar. O importante é saber olhar por ângulos diferentes.

O pai, ao volante, interveio por fim;

—Então, *Sensei*, o *Karate*—*dō* é, em boa medida, a união desses dois olhares.

—Exatamente —respondeu Funakoshi—. Asato me deu a raiz, Itosu, o ramo. Eu fui apenas a ponte que uniu ambos.

A conversa prosseguiu com lembranças de noites repetindo um único golpe sob a luz trêmula de uma lamparina de óleo, e de manhãs em que Itosu reunia as crianças num pátio de terra. Não eram histórias técnicas: eram princípios, lições que ultrapassavam o *dōjō*.

Hidetaka ouvia com os olhos brilhando. Compreendeu, talvez pela primeira vez, que o karatê que praticava não era obra de um só homem, era uma corrente de mestres que souberam dar e receber na hora certa.

Funakoshi recostou-se suavemente, girando o chapéu entre os dedos como quem acaricia uma lembrança. O olhar perdido na janela, revelava que, enquanto o carro avançava, seu pensamento já seguia por outro caminho.

Capítulo 4

Mãos chinesas

Shuri, Okinawa. Outono de 1879

Faltavam poucas semanas para que completasse onze anos quando, numa conversa com o colega de classe - também seu amigo -, surgiu o nome de seu pai, *Ankō Asato*. Até então, Gichin nunca havia reparado que aquele colega era filho do mestre de *Tōde* de quem tanto se falava em Shuri.

O rapaz o mencionava com simplicidade, como se falasse de qualquer coisa cotidiana, que seu pai praticava aquela arte misteriosa em torno da qual circulavam lendas pela ilha. E nesse instante, Gichin compreendeu que aquele nome que sempre lhe parecera distante não era apenas uma história sussurrada pelos adultos, mas algo real, próximo, quase ao alcance dos dedos.

—Você quer ir lá em casa algum dia? —perguntou o amigo, com a naturalidade de quem convida para brincar—. Posso apresentá-lo a você.

O coração de Gichin disparou. Aquele convite podia ser a chance de conhecer, enfim, o homem que até então não passara de um nome repetido em voz baixa pelo povo de Shuri.

A primeira visita à casa de Asato

O caminho até a casa do amigo não parecia diferente dos tantos que Gichin percorria por Shuri. A cidade era feita de moradias humildes, com muros de pedra coralina e telhados de telhas vermelhas que resistiam ao ar úmido e salgado do mar. No entanto, naquela tarde o ar pesava diferente em seu peito. Não era apenas uma visita entre crianças. Ele estava prestes a conhecer o homem cujo nome ecoava nos pátios da escola e nas conversas dos mais velhos, quase como um rumor envolto em respeito.

Quando chegaram, nada à primeira vista indicava um lugar especial. A casa dos Asato era sóbria, semelhante a tantas outras. O que a distinguia estava dentro. Ao cruzar o umbral atrás do amigo, Gichin foi tomado por um silêncio profundo, desses que impõem reverência sem exigir palavras.

No pátio interno ele o viu pela primeira vez. Ankō Asato era um homem alto, de olhar firme e sereno, com a postura de quem conhecera tanto a disciplina militar quanto o rigor do estudo. Não ostentava adornos, sua simples presença bastava.

O filho o apresentou com naturalidade. Asato o observou por um instante. Seus olhos percorreram a figura frágil, as mãos manchadas de tinta escolar. Não havia dureza no gesto, havia um exame sereno, como se buscasse medir não a força dos músculos, mas o tempero escondido naquele menino.

No fundo do pátio, Gichin notou um poste revestido de palha, fincado com solidez na terra. Ainda não sabia seu nome, mas aquele objeto parecia guardar um propósito secreto, como se aguardasse quem quisesse compreendê-lo.

Mais tarde saberia que se chamava *makiwara*.

Asato, que notara sua curiosidade, fez um leve gesto para que se aproximasse e indicou que se colocasse diante dele. Não houve discursos nem explicações longas, apenas a voz serena de quem ensina o essencial.

Mostrou-lhe como afastar os pés, relaxar os ombros, encher os pulmões de ar. Com um toque firme corrigiu a posição do quadril e apontou a palha. Depois executou lentamente o movimento: um braço que avança, o outro que retorna ao corpo. Ainda levaria anos para que, no karatê japonês, aquele recuo fosse chamado de *hikite*.

—Empurre o chão com os pés —murmurou—.
Deixe o ar sair com o golpe, pela boca.

Gichin obedeceu, ainda inseguro. O punho afundou na palha com um som abafado, quase tímido, como se ainda não soubesse falar. Asato assentiu sem reprovar.

—Bom começo.

Não houve mais. Apenas algumas correções, poucos minutos de prática, e a sensação nítida de que aquele pátio simples guardava um segredo antigo.

Ao despedir-se, Asato não prometeu nada, apenas aceitou, com naturalidade, que ele voltasse. Como se já soubesse que voltaria.

A reação em casa

Ao chegar, Gichin mal podia conter a emoção. No caminho de volta caminhara como em sonho, repetindo mentalmente cada gesto, cada palavra.

—Ele me aceitou como aluno! —anunciou assim que cruzou a porta.

Os pais se entreolharam surpresos.

—Quem o aceitou como aluno? —perguntou a mãe, com certa inquietação.

—Asato—*sensei* —respondeu com um sorriso iluminado—. Começo amanhã.

O silêncio que se instalou pesou mais do que a notícia. A mãe franziu o cenho, inquieta.

— O senhor Asato? Isso... isso é uma arte violenta, Gichin. Não quero você metido nessas coisas. Ouvi histórias terríveis.

O pai demorou a responder. A reputação do mestre era digna, mas compreendia o temor da esposa. Em Okinawa todos entendiam o que implicava aprender *Tōde*.

Depois de um longo momento, falou com calma:

—Amanhã vou acompanhá-lo e conversarei com ele. Quero ouvir da própria boca o que exatamente ensina.

Gichin ficou quieto, mas por dentro ardia a certeza de que o caminho já havia sido traçado.

A noite do primeiro treino

O caminho até a casa de Asato era simples de dia e diferente à noite. As pedras tinham outra temperatura, os muros de coral pareciam guardar vozes antigas. O pai seguia à frente, tranquilo, Gichin vinha logo atrás, atento a cada ruído, uma canção distante, o bater cadenciado de alguém pregando algo num pátio.

Asato os recebeu no umbral. Os adultos se afastaram para conversar em voz baixa. O pai saudou o mestre com respeito, mas com a firmeza de quem busca garantias. . Asato respondeu com a mesma solenidade. Não falaram muito, porém, quando o pai se inclinou e o mestre devolveu a saudação, o acordo estava selado.

—Você terá minha confiança —disse o pai.

Asato assentiu.

Nessa noite os dois meninos treinariam juntos. Começaram repetindo movimentos básicos no ar; o filho servia como referência, e o mestre circulava entre eles, corrigindo ombros, quadris, respiração. Cada gesto tinha um peso, e o silêncio do pátio sublinhava tudo.

Chegou o momento da *makiwara*.

Asato chamou primeiro o filho. O pequeno posicionou-se com naturalidade diante do poste e desferiu um golpe.

—Respire “pelo calcanhar” —murmurou o mestre—. Deixe o chão empurrar você.

O menino repetiu o movimento. Desta vez o impacto soou diferente, como se uma rajada atravessasse um cômodo fechado.

Asato apenas assentiu, então ergueu a mão para chamar Gichin.

O coração do rapaz disparou mais rápido que os passos. Avançou até ficar diante do mestre.

Asato o colocou numa postura ereta e natural — aquela que, anos mais tarde, no Japão, seria chamada de *shizentai*. Afastou os pés na largura dos quadris, retos e firmes, sem rigidez.

—Assim. Como se estivesse apenas de pé... mas com raízes profundas —explicou, enquanto ajustava suavemente os calcanhares.

Fez com que flexionasse levemente os joelhos, só o suficiente para engatar a musculatura, e corrigiu o quadril com um toque preciso.

—Pressione para dentro, só um pouco. Isso.

Gichin respirou fundo.

—Inspire... agora expire —indicou Asato com calma—. Não deixe o corpo desabar, empurre o chão com os pés. Sinta como a terra responde.

O menino obedeceu, então o mestre sussurrou:

—Deixe essa pressão subir... e sair pelo seu punho.

Zassh!

O golpe nasceu. O punho afundou na palha com um estalo seco, como a corda de um arco retesado. Ainda não foi forte, mas foi limpo, reto, verdadeiro.

Asato assentiu.

—Muito bem. Seu corpo entendeu antes da sua mente.

Pela primeira vez, Gichin sentiu que não fora o braço que golpeará, fora o corpo inteiro falando num só movimento.

—Agora com o outro braço —ordenou o mestre.

O menino repetiu.

—Alterne um e outro. Sem pausa.

E assim fez, uma e outra vez. De tempos em tempos, Asato se aproximava, endireitava ligeiramente sua cabeça, erguia o queixo, soltava seus ombros.

—Olhe à frente. Respire. Empurre a partir do calcanhar.

O tempo se dissolveu naquela repetição. Um único gesto, polido até se gravar na memória do corpo.

Quando os erros começaram a se multiplicar, Asato ergueu a mão.

—Basta por hoje —disse com firmeza, sem reprovar—. Amanhã, no mesmo horário.

Gichin arfava, com os nós dos dedos em brasa. Assentiu em silêncio.

Asato deteve-se um instante antes de afastar-se rumo à sombra do pátio.

—E ouça bem, não é preciso que o acompanhem. De agora em diante, este é o seu caminho.

Gichin inclinou a cabeça. Dentro de si algo havia se transformado. A arte do *Tōde* agora se desdobrava diante dele como um caminho secreto, ainda sem nome em japonês, embora com o tempo fosse chamado *Karate—dō*. O trilho estava marcado.

A partir dali, seu aprendizado seguiria em silêncio, sob o olhar atento do mestre. No *Tōde*, ninguém avançava no mesmo ritmo. Cada discípulo caminhava sozinho — assim entendia Ankō Asato.

Capítulo 5

A única luta que importa

Eram quase duas da tarde. O carro avançava devagar por uma avenida irregular, enquanto as sombras dos prédios destruídos se alongavam sobre o asfalto rachado. O sol permanecia alto, embora parecesse parado no céu, como se o próprio tempo se recusasse a mover-se entre as ruínas de Tóquio.

Funakoshi fitava a estrada , perdido em seus pensamentos, quando percebeu o o olhar do jovem Hidetaka. O rapaz o observava com devoção, os olhos brilhantes, como quem espera o momento de fazer outra pergunta.

—Perdoe-o, *Sensei* —interveio o pai ao volante, com um gesto cortês—. Ele está um pouco emocionado com esta viagem.

Funakoshi sorriu de leve.

—Eu também estou emocionado. É um prazer ver tanto entusiasmo nos jovens, sobretudo em alguém inteligente e com vontade de aprender.

O rapaz sorriu timidamente com o elogio e acomodou-se no assento. O carro já entrava numa zona menos devastada, ainda havia casas de pé e um ou outro jardim resistia com obstinação. O sol faiscava nos vidros quebrados espalhados pelo chão.

Funakoshi encostou a testa no vidro por alguns segundos, como se buscasse no vento a voz de seus velhos mestres.. Depois falou, sem desviar os olhos do horizonte:

—Lembre-se, Hidetaka... nenhum mestre é perfeito. E tampouco nenhum discípulo. O que importa é a união de seus caminhos. Eu sou apenas a sombra do que eles me entregaram. Se algum dia você ensinar a outros, não esqueça que cada palavra sua também levará a voz de quem o formou.

O rapaz inclinou a cabeça com respeito. Sabia que aquelas palavras ficariam gravadas para sempre em sua memória.

Alguns minutos depois, atreveu-se a perguntar:

—Sensei... Ensinam-nos a defender, a golpear, a responder com força... Mas isso não é uma contradição, Sensei? Lutar não é o contrário do que o senhor sempre diz, que devemos buscar a paz?

O carro sacudiu ao passar por uma fenda no asfalto. O pai permaneceu em silêncio, atento.

Funakoshi deixou a pergunta descansar por instantes, como se precisasse dar-lhe peso antes de responder. Por fim, disse em voz grave:

—*Heiwa*. Sim, parece uma contradição, mas só de longe. Ouça e entenderá.

Inclinou-se um pouco para a frente, apoiando a mão no encosto do assento dianteiro.

—O *Karate*—*dō* não foi feito para lutar. Foi feito para nunca termos de lutar.

O jovem franziu o cenho, intrigado.

—Deixe-me dar um exemplo. Imagine um cão grande, forte e com presas poderosas. E ao seu lado, um cão pequeno, nervoso, que late e morde-lhe as patas sem parar. O que faz o grande? Nada. Ignora. Por quê? Porque sabe que, se quiser, com um único movimento o derrotaria. Não precisa demonstrar. Quem luta é quem duvida da própria força, quem precisa provar-se diante dos outros.

Deixou que a imagem se afundasse na mente do rapaz.

—Compreende? Quando alguém sabe do que é capaz, não precisa demonstrar.

Hidetaka assentiu devagar, embora os olhos mostrassem que ainda buscava a raiz daquele ensinamento.

—Então... não precisamos nos defender?

Funakoshi sorriu com ternura.

—Não é isso. Defendemos, sim. Aprendemos a contra-atacar. Mas a verdadeira arte está em nunca precisar usar. Veja, rapaz, se você consegue terminar uma briga sem tê-la começado, e sem ter golpeado ninguém, então estará perto de ser um mestre.

—Mas... —hesitou o jovem—, como alguém pode ganhar uma briga sem lutá-la?

—Com equilíbrio —respondeu Funakoshi sem vacilar—. Com calma no olhar. Com o silêncio que às vezes assusta mais do que um grito. Com a confiança de quem não precisa provar nada.

Fez um gesto com a mão, como marcando um *kata* invisível no ar.

—Quando começamos um *kata*, estamos relaxados, porém atentos. Ainda que não movemos um músculo, A nossa força interior está ali . Conhecemos os movimentos que virão, sabemos que o *kata* terminará no mesmo ponto em que começou. Nossa luta deve ser mental. Se por dentro tudo está em equilíbrio, o outro sentirá que perdeu sem que você tenha lutado. Isso é ser um mestre.

O carro dobrou uma esquina. Ao fundo, uma escola semiderruída erguia-se como um fantasma enegrecido. Funakoshi a fitou; sua voz baixou, carregada de memória:

—Quando eu era jovem, também pensava que treinávamos para vencer. Custou-me entender que a verdadeira vitória não está em derrubar o outro, e sim em evitar que o golpe exista.

O pai assentiu em silêncio.

Funakoshi voltou o olhar para o rapaz.

—Hidetaka, as lutas mais difíceis não são contra os outros. São contra si mesmo. Contra a ira, contra o orgulho, contra o impulso de responder. Essa é a luta que você deve vencer. Se perder para a própria ira, já perdeu antes de mover um único músculo.

O jovem pensou em retrucar, mas desistiu. Era claro demais. Encostou-se no assento e deixou que as palavras caíssem sobre ele como uma chuva lenta.

O mestre prosseguiu:

—Isso é *budō*, o caminho do guerreiro em equilíbrio. Não um código de guerra como o antigo bushidō, que serviu à espada e à morte. *Budō*, ao contrário,

é sustentar, equilibrar, até curar. Se você chega a lutar, é porque falhou em algo, na palavra não dita, no gesto não feito, na calma que não manteve.

O jovem ergueu os olhos.

—E sempre foi assim, *Sensei*?

Funakoshi suspirou, olhou pela janela para uma fileira de casas meio desabadas.

—Sempre. Mas eu demorei a entender. Meus mestres, Asato e Itosu, repetiram isso incontáveis vezes. Mas eu era jovem, como você, e acreditava que a força me daria respeito. Levei anos para compreender que o respeito nasce da contenção, não da violência.

Ficou em silêncio por alguns segundos, depois acrescentou em voz mais baixa:

—Lembro de uma tarde com Asato, quando voltávamos para casa depois do treino. Na mesma calçada vinha um homem bêbado. Cambaleava e gritava insultos enquanto pedia briga. Eu esperava que meu mestre o enfrentasse. Mas Asato, sem dizer palavra, segurou meu braço e atravessamos a rua. Continuamos caminhando, como se aquele homem não existisse. Senti vergonha. Pensei “Como pode um guerreiro fugir assim?”. Só anos

depois entendi. Asato não fugira, ele vencera. O bêbado ficou derrotado pela indiferença. A briga terminou antes de começar. Esse foi um dos maiores aprendizados da minha vida.

O pai assentiu novamente, quase sem fôlego, consciente da grandeza daquele ensinamento que parecia pesar mais do que qualquer golpe.

Funakoshi girou lentamente o chapéu entre as mãos, segurou-o por um instante como se guardasse ali a memória de seus mestres, e disse com voz firme:

—Lembre bem, Hidetaka, se algum dia sair de um conflito sem golpear, não será fraqueza. Será sabedoria. Isso é *Karate*—*dō*. Isso é *budō*.

Guardou silêncio por alguns segundos, depois acrescentou com uma calma ainda mais profunda:

—Quem domina a própria ira... já venceu a única luta que realmente importa.

A frase ficou flutuando no interior do carro.

Passaram alguns instantes antes que o jovem Hidetaka rompesse o silêncio:

—Foi com Asato—*sensei* que o senhor aprendeu os *kata*?

Funakoshi olhou de soslaio, um leve sorriso pareceu abrir uma porta para o passado.

—Com Asato—*sensei* pratiquei durante anos o kata *Naihanchi*. Ele também me ensinou *Kusanku* e *Passai*, mas sempre insistia que se deve começar pelo essencial. Mais do que ensinar os movimentos, ensinou-me a olhar. A compreender que cada *kata* é uma conversa consigo mesmo, e que a técnica sem propósito... não passa de uma coreografia vazia. Depois, aprofundei tudo com Itosu-*sensei*, que costumava repetir: “*Se você praticar Naihanchi durante dez anos, entenderá todo o Shuri—te.*” Embora ele o chamasse *Naifuanchi*, no dialeto de Shuri.

—E o que é exatamente o *kata Naihanchi*, *Sensei*?

Funakoshi girou lentamente o chapéu entre as mãos. Uma leve contração no rosto misturou sorriso e lembrança:

—Você conhece uma derivação desse *kata* pelo nome de *Tekki*. Na verdade, provavelmente já pratica suas três versões. Parecem simples... mas encerram a alma do combate corpo a corpo. Tudo ocorre em linha reta, sem avançar nem recuar. Não há escapatória. Não há distância. Só o aqui e o agora. E, ainda assim, nessa quietude... habita todo o movimento.

Fez uma breve pausa, como se deixasse espaço para a ideia assentar.

—Então o *kata Naihanchi* são três?

—Originalmente era apenas um. No entanto, com o tempo surgiram em Okinawa versões diferentes, conforme cada mestre que o transmitia. As informações tornaram-se confusas, e por isso Itosu—*sensei* decidiu unificá-las criando três *kata*, *Naihanchi Shodan*, *Naihanchi Nidan* e *Naihanchi Sandan*. Desse modo conseguiu preservar todas as variantes dentro de uma mesma estrutura pedagógica.

—São iguais aos *Tekki* que conheço?

—Em essência, sim. O nome apenas mudou para se adaptar ao idioma japonês. Itosu—*sensei* buscava de certa forma sistematizar e simplificar a linguagem desse *kata*, pela importância que tem e para torná-lo mais claro às gerações futuras. Digamos que ele dividiu *Naihanchi* em três partes para facilitar o estudo, não para mudar a essência, mas sim para transformá-lo numa ferramenta clara e acessível para quem começa o caminho. Porque quando um *kata* se compreende, ele se converte num espelho. E quando se domina... acabamos nos tornando parte dele.

—Quando o nome mudou para *Tekki*?

—Após a integração de Okinawa ao Império Japonês. Muitos nomes foram adaptados à língua japonesa. Era comum então, às vezes necessário para evitar conflitos. Quando apresentei esses *kata* no Japão, escolhi *Tekki Shodan*, *Nidan* e *Sandan* para distinguir as três formas e facilitar o ensino.

Hidetaka hesitou por um instante, depois criou coragem:

—E como aprendeu o restante dos *kata*, *Sensei*?

O pai do rapaz, um pouco desconfortável, interveio em voz baixa:

—Hidetaka... você está perguntando demais.

Mas Funakoshi ergueu a mão com suavidade e sorriu.

—Não se preocupe. Não me incomoda em nada. Acho saudável — e necessário — que os jovens queiram entender a origem. Saber de onde viemos é a única forma de não nos perder no caminho.

Voltou a girar o chapéu entre os dedos, como se as palavras estivessem gravadas no tecido.

—Depois de Asato—*sensei*, como insinuei antes, veio Itosu—*sensei*.

Muitos o consideram meu verdadeiro mestre, mas ambos foram muito importantes para mim em muitos sentidos. Ainda assim, Itosu—*sensei* foi quem me ensinou a estudar o *kata* como se fosse uma escrita sagrada. A repeti-lo sem cansaço e analisar cada transição, cada giro, cada pausa.

Deteve-se por um momento, como se escolhesse as palavras com extremo cuidado.

—Na verdade, eu já os havia começado a estudar com Asato—*sensei*, mas foi Itosu—*sensei* quem me permitiu compreender suas aplicações e possíveis derivações. Seu olhar ajudou-me até a entender melhor o que me ensinava Asato—*sensei*. Complementaram-se e um ensinou-me a ver, o outro, a pensar. E entre os dois... ensinaram-me a sentir.

Sua voz ficou mais suave:

—E, embora não tenha sido meu mestre direto, cheguei a conhecer em pessoa Sōkon Matsumura, já idoso então. Observei-o treinar com uma serenidade imponente, que enchia o ar de respeito, e dele recebi poucas palavras que conservo como um tesouro. Foi mestre de Asato e

Itosu, compreender isso fez-me ver que meus próprios mestres eram herdeiros de uma tradição ainda mais antiga e profunda. Eu tinha apenas onze ou doze anos quando Asato—*sensei* apresentou-me a ele. Matsumura—*sensei* recebeu-me com uma amabilidade que nunca esqueci. Depois de ouvir-me, recomendou que eu complementasse meu treinamento com Itosu—*sensei*, pois intuía que ele poderia dar-me as respostas que eu ainda não conseguia entender.

Funakoshi desviou o olhar para a janela. Entre as casas que resistiam, avistou um telhado vermelho, gasto pelo tempo. Algo naquela cor, naquela forma, naquele instante... o puxou para longe dali.

Por alguns segundos voltou a ser o jovem calado de Okinawa, com os pés descalços sobre a terra, diante de uma porta de madeira escancarada... e um mestre esperando lá dentro.

Capítulo 6

***Sōkon Matsumura, o
grande mestre do
Shuri—te***

Shuri, Okinawa, 1880

A chuva havia parado em Shuri, mas o ar úmido ainda guardava o cheiro de madeira molhada. Gichin Funakoshi, com apenas doze anos, caminhava ao lado de seu mestre Ankō Asato, aquele aristocrata de andar sereno e olhar penetrante. Hoje haviam se reunido mais cedo que o habitual. Passaram a tarde repetindo *Naihanchi* no pátio de terra, até o corpo do rapaz arder de cansaço e, ao mesmo tempo, mover-se sozinho, como se cada técnica brotasse sem que ele a pensasse.

Asato o observava em silêncio. Conhecia bem aquele brilho nos olhos do discípulo, uma fome de compreender mais, de ir além dos movimentos. Essa inquietação lembrava-lhe a si mesmo quando, na juventude, buscara sem descanso os melhores mestres de Okinawa.

Ao final do treino, enquanto limpavam o chão e recolhiam as roupas encharcadas de suor, Asato falou:

—Gichin, você progrediu. Mas ainda busca respostas que eu não posso lhe dar por completo.

Funakoshi, surpreso, baixou a cabeça.

—*Sensei*, eu... não quero faltar com respeito. Só que, quanto mais pratico, mais perguntas tenho. Sinto que em cada *kata* há algo oculto, como se as mãos tentassem dizer algo que ainda não consigo compreender.

Asato sorriu de leve, como quem reconhece no discípulo a mesma inquietação que o acompanhou na juventude.

—Isso é bom, Gichin. A curiosidade é o primeiro passo para a maestria. Eu lhe ensino o *Shuri-te* como aprendi — e como compreendo hoje. Mas você não deve ficar com um único livro, é preciso aprender de várias fontes, investigar, e, no fim, tirar suas próprias conclusões.

O mestre fez uma breve pausa antes de acrescentar:

—Há um homem que pode lhe dar outra visão. Meu próprio mestre, Sōkon Matsumura. Hoje você o conhecerá.

O jovem arregalou os olhos, surpreso. O nome caiu como um golpe suave, porém firme. Funakoshi o tinha ouvido em murmúrios reverentes:

—Hoje? Mas, *Sensei*... estou suado. Preciso me lavar. Não posso me apresentar assim na casa dele...

Asato soltou uma leve risada, rara nele, e apontou para uma bacia com água que repousava no chão.

—Enxágue-se ali. Não se preocupe. Matsumura-sensei apreciará saber que você esteve treinando com empenho. O suor fala da sua disciplina. Ele não olhará sua roupa nem seu aspecto. O que observará será o seu interior.

Guardou silêncio por um instante, como sublinhando as palavras, e acrescentou com firmeza;

—Além disso... já falei de você a ele.

Caminharam juntos até a casa de Matsumura, situada nos arredores de Shuri. O sol descia lento, tingindo os telhados vermelhos da cidade com um brilho de fogo apagado.

Naquele tempo, Matsumura já era um ancião de mais de oitenta anos. Servira como guarda-costas de três reis do Reino de *Ryūkyū*, viajado pela China e pelo Japão, e era reconhecido como o grande pilar do *Shuri-te*. Seu nome circulava em sussurros, sempre envolto em respeito e admiração.

Funakoshi ouvira falar dele, mas nunca imaginou que teria a oportunidade de conhecê-lo.

—Ele ainda ensina? —perguntou, incrédulo.

—Não como antes —respondeu Asato, enquanto seguiam rumo aos arredores de Shuri—. Seus anos de guerreiro ficaram para trás. Mas sua mente nunca foi tão clara. Ele pode mostrar o que existe além do movimento.

Funakoshi engoliu em seco. Sabia bem que Asato não distribuía elogios nem palavras ao acaso.

—*Sensei*... acha que ele vai me aceitar? —perguntou Funakoshi, com um fio de dúvida na voz.

Asato olhou-o de soslaio e, com um gesto breve, respondeu:

—Eu o aceitei como discípulo, por que ele não o faria?

Funakoshi baixou o olhar.

—Porque... sou apenas um menino.

Asato sorriu de leve, com um toque de ternura.

—Sim, você é. Mas suas perguntas não são de menino. São perguntas de um espírito inquieto que busca compreender além do que vê. E tais perguntas precisam de respostas que nem sempre são fáceis de dar. Às vezes explicar o mais profundo com palavras simples é o mais difícil de tudo.

Parou um instante, para que o rapaz o escutasse com clareza, e acrescentou com firmeza;

—Por isso quero levá-lo a *Matsumura—sensei*. Só uma mente brilhante como a dele pode ajudá-lo a transformar essa curiosidade em compreensão, e ensiná-lo a ver o que hoje lhe parece um mistério.

Durante o trajeto, Asato aproveitou para instruir o jovem sobre as diferentes correntes da arte marcial em Okinawa;

—Deixe-me explicar alguns conceitos que você precisa saber. Em *Naha—te*, os movimentos são firmes, duros, acompanhados de respiração profunda. Em *Tomari—te*, o corpo se move com fluidez, como a água. E em *Shuri—te*, o que praticamos, caracteriza-se por movimentos rápidos, retos, como o fio de uma espada.

Deteve-se um instante antes de acrescentar:

—Sōkon Matsumura, embora conheça todas as variantes, é na verdade o grande mestre do *Shuri—te*. Mas não o busque apenas como guerreiro. Matsumura é também um homem de paz. Viu a guerra e a violência, e por isso decidiu viver como filósofo. Treina o corpo, sim... mas treina ainda mais o pensamento.

Funakoshi escutava com atenção, como se cada palavra fosse uma ponte para o mistério que buscava.

—Então... ele pode me ensinar a entender o que sinto nos *kata*?

—Ele pode mostrar que os *kata* não são apenas movimentos. São perguntas e respostas. São memória e destino.

A ideia ficou gravada no rapaz como um selo ardente.

A casa de Matsumura era simples, de madeira envelhecida, cercada por um pequeno jardim onde os arbustos cresciam sem muita disciplina, como se refletissem a liberdade do dono. No alpendre, um homem de idade avançada os esperava. O cabelo totalmente branco caía para trás, as costas permaneciam retas, e em seus olhos fundos brilhava uma energia que parecia atravessar o jovem Funakoshi.

Vestia uma túnica sóbria, mais próxima do estilo chinês que do japonês, e os recebeu com um leve gesto de inclinação.

—Asato —disse com voz grave, porém cordial—. Alegra-me vê-lo.

—Mestre —respondeu Asato, inclinando-se com respeito—. Apresento-lhe meu discípulo, Gichin Funakoshi.

O jovem inclinou-se profundamente, o coração batendo no peito como um tambor.

—É um rapaz inquieto —explicou Asato—. Busca compreender o que há além das formas. Pensei que o senhor poderia mostrar-lhe outra visão.

Matsumura observou-o em silêncio por um instante e, com um gesto sereno, convidou-os a entrar.

O interior da casa revelava um ambiente sóbrio e harmonioso, um cruzamento natural entre Japão e China.. O *tatami* cobria o chão, enquanto nas paredes pendiam pergaminhos caligrafados e pincéis cuidadosamente dispostos. Diante da entrada, um *tokonoma* servia de altar simples, com um incensário de bronze que deixava escapar um rastro tênue de fumaça, como se preparasse o espaço para a conversa que estava para começar.

Sentaram-se em *seiza*, mas o ancião ergueu a mão.

—Por favor, fiquem à vontade. A rigidez atrapalha o pensamento.

Serviu o chá com solenidade. Beberam em silêncio. O sabor, amargo e ao mesmo tempo refrescante, deslizava pela garganta como uma lição disfarçada de simples gole. Funakoshi compreendeu então que até no mais cotidiano podia ocultar-se um ensinamento.

Ele não passava de um menino, aprendiz de tudo, mestre de nada. E, no entanto, aquele homem — um guerreiro lendário, talvez o sábio mais grandioso que conheceria em sua vida — o recebia com a dignidade reservada a um convidado ilustre, como se diante dele se sentasse um príncipe ou um rei.

Nesse gesto simples, nesse reconhecimento silencioso, descobriu a verdadeira medida da grandeza: tratar cada ser humano como se já trouxesse dentro de si algo valioso, mesmo antes que ele próprio o saiba.

Em sua inocência, acreditou por anos que tudo fora preparado para homenageá-lo. Muito depois, à distância da maturidade, entendeu que aquela solenidade se devia, muito provavelmente, à presença de seu mestre Asato. E, no entanto, em sua lembrança íntima, sempre sentiu como algo feito para ele.

Matsumura serviu outra rodada de chá e, após alguns goles, fixou o olhar em Funakoshi:

—Diga-me, jovem aprendiz, o que você busca no *Tōde*?

Funakoshi ergueu o olhar, apoiou a xícara e, após pensar um instante, respondeu com franqueza:

—No começo, eu só queria aprender a me defender. Sempre achei importante para alguém tão pequeno quanto eu. Mas com o tempo, enquanto Asato—*sensei* fazia-me repetir técnicas e kata até a exaustão, algo mudou. Agora já não quero apenas repetir... quero entender.

Matsumura sorriu de leve, como quem reconhece um lampejo em meio à névoa. Lançou um olhar de soslaio a Asato, que permanecia em silêncio, apenas com uma leve expressão de aprovação diante da curiosidade do discípulo.

—Resposta interessante —murmurou o ancião—. Mas diga-me, o que exatamente deseja entender?

Funakoshi baixou o olhar por um instante e então falou com voz trêmula, porém firme:

—Perdoe-me, *Sensei*. Quero entender tudo. Quero saber por que fazemos cada movimento, por que um golpe muda tanto quando o mestre corrige só um pouco a

postura das costas... ou por que sinto mais força quando exalo ao golpear.

Os dois mestres se entreolharam e riram suavemente. Não de escárnio, mas de reconhecimento.

—Nenhum de nós sabe tudo, Gichin —disse Matsumura—. E é por isso que ensinamos. Um mestre não transmite sua arte porque a tenha compreendido por completo, transmite porque, em cada discípulo, descobre novas formas de vê-la. Ensinar é aprender, e o seu caminho já começou. No *Tōde*, ninguém chega ao fim, cada passo abre uma porta para algo mais profundo.

Funakoshi baixou a cabeça em sinal de respeito, ergueu a xícara para dar um gole.

—Esse chá que você bebe devagar —acrescentou Matsumura— é a mesma maneira como aprenderá o *Tōde*. Pouco a pouco, gole após gole. Com o tempo, cada pergunta encontrará sua resposta. E, embora nunca consiga responder a todas, sua missão será buscar a maior quantidade de respostas possível.

O silêncio tornou-se profundo na sala. O incenso queimava lento, deixando um rastro de fumaça que parecia ascender com as palavras.

Então Matsumura, como recordando seus próprios dias de juventude, acrescentou:

—Eu também fui como você: um menino inquieto, cheio de dúvidas. Tive a fortuna de aprender com vários mestres. Costuma-se dizer que fui discípulo direto de *Sakugawa*, mas na verdade isso não é possível, eu tinha apenas seis anos quando ele morreu em 1815. O que recebi dele veio através de alguns de seus discípulos mais próximos, que transmitiram fielmente seu legado. Também treinei com mestres chineses que residiram por um tempo em *Ryūkyū*. Um era conhecido como Iwah, outro como Ason, e havia ainda um homem a quem, em Tomari, chamavam Annan. Deste último — contava entre risos — nunca soube ao certo se era um náufrago, um viajante errante, ou mesmo um pirata. Talvez tivesse sido tudo ao mesmo tempo. A verdade — acrescentou com um sorriso maroto — é que nunca ousei perguntar.

—Eles lhe ensinaram alguns dos *kata* que conhecemos hoje?

—Sim, fizeram justamente isso. Os *kata* são uma forma de reunir os movimentos num mesmo leito, de modo que, com a prática constante, terminem gravando-se no corpo até se tornarem reações naturais, quase instintivas. Por exemplo, de Ason nasceu o *kata* que hoje

chamamos *Chintō*, cheio de agilidade e criatividade. De mestres locais, por sua vez, aprendi a força da respiração e o equilíbrio da postura, ensinamentos que já circulavam entre figuras como Aragaki Seishō, muito respeitado em nossa ilha. Todos eles, por sua vez, bebiam da linha mais antiga de *Kusanku* e de *Sakugawa*, que trouxeram a Okinawa o eco das artes marciais chinesas.

—De cada um recebi algo distinto —prosseguiu—, dos chineses, a visão externa, o engenho e a sutileza; dos mestres de nossa terra, a disciplina constante e a adaptação a Okinawa. E, no fim, o que ficou foi um tecido comum que hoje chamamos *Shuri-te*, uma arte que integra muitas vozes.

Ao ouvir esses nomes, Asato inclinou levemente a cabeça em sinal de respeito. Funakoshi não os conhecia, mas compreendeu pelo tom reverente que eram pilares daquele linhagem.

Matsumura concluiu com voz serena:

—Assim como herdei seus ensinamentos e os adaptei ao meu tempo, você herdará os meus por meio de Asato e Itosu e, algum dia, os transformará para os que virão depois. Esse é o destino do *Tōde*: um rio que nunca

deixa de fluir, porque cada geração o enriquece com sua sede de aprender.

Muitos anos depois, no Japão, Funakoshi lembraria aquele instante e entenderia que Matsumura não falava apenas do *Tōde*. Falava do *Budō*, de um caminho interminável, onde a humildade abre as portas do conhecimento, e em que cada mestre é, ao mesmo tempo, discípulo dos que o precederam.

Nesse dia, com apenas doze anos, compreendeu que seu verdadeiro aprendizado mal começava.

Depois de um tempo de conversa, Matsumura ergueu-se lentamente, como quem carrega o peso dos anos, mas, ao ficar de pé, revelou uma firmeza surpreendente. Avançou até um espaço livre do *tatami* e, com um gesto natural, começou a executar a primeira sequência de *Passai*. Era uma variante distinta da que Funakoshi praticara com Asato, uma interpretação tão pessoal que mais tarde seria lembrada como *Matsumura no Passai*. Seu corpo, embora idoso, transmitia uma energia contida que estremeceu o jovem, como se, em cada movimento, convivessem a serenidade do sábio e a força latente do guerreiro.

—O *kata* é como a água. Pode fluir ou golpear, adaptar-se ou destruir. Mas sempre encontra o seu leito.

Voltou-se para Funakoshi e, com voz pausada, acrescentou:

—Venha quando quiser, sempre com a permissão de Asato. Minha casa estará aberta para você. Já não posso oferecer-lhe a força de antes, mas posso oferecer o olhar que os anos deixam. Talvez seja isso o que você precisa agora.

Funakoshi inclinou-se profundamente, com a certeza de que aquele instante ficaria gravado para sempre em sua memória.

Asato sorriu satisfeito. Não buscava que seu discípulo encontrasse em Matsumura um novo instrutor de técnicas, e sim um guia intelectual, alguém capaz de abrir-lhe um horizonte distinto. Sabia que o jovem já tinha nele um mestre para forjar o corpo, o que esperava era que em Sōkon Matsumura encontrasse a clareza para temperar o espírito e o pensamento.

Naquela noite, de volta para casa, Funakoshi não conseguia afastar da mente a imagem de Matsumura movendo-se com a fluidez da água. Compreendeu então que seu caminho apenas começava, e que cada mestre lhe entregaria uma peça diferente do mesmo enigma.

Com Asato—*sensei* aprendera a olhar. Com Matsumura—*sensei*, a compreender. E, mais adiante, com Itosu—*sensei*, descobriria a arte de ensinar.

O telhado vermelho de Okinawa continuava brilhando em sua memória, iluminado pela lua como um farol silencioso. E, no mais profundo do coração, Gichin Funakoshi sabia que aquela visita traçara para sempre o rumo do seu destino.

Mergulhe em um mundo onde história e ficção se entrelaçam. Este romance oferece uma poderosa e envolvente reinterpretação da vida de Gichin Funakoshi, combinando fatos documentados com uma narrativa cativante para dar vida à sua trajetória.

Ao longo de mais de 600 páginas, a história explora a disciplina, a perseverança e o espírito do Karate-Do.

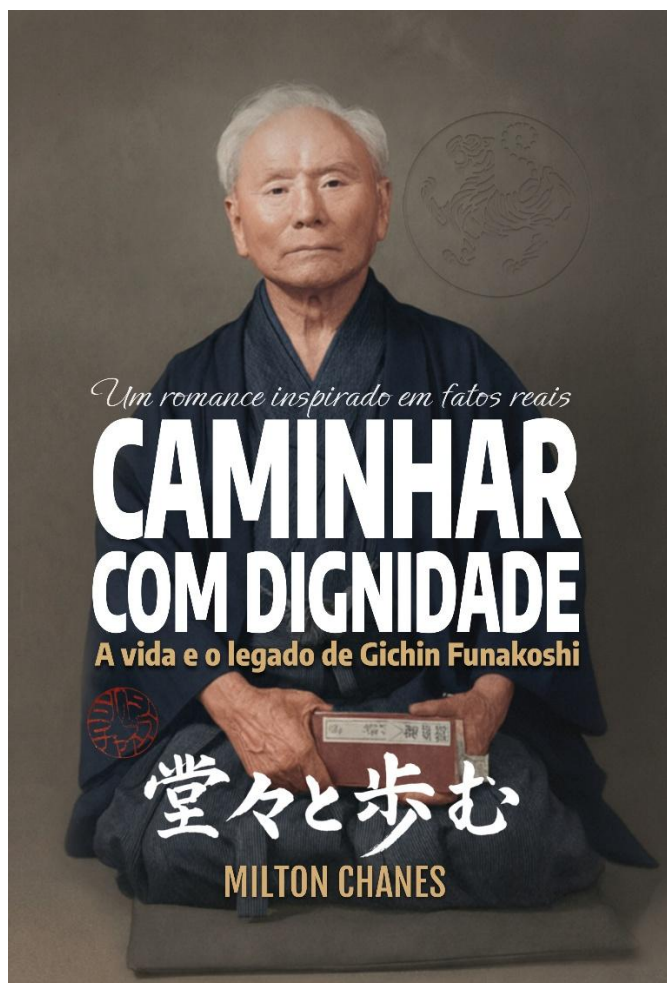
Descubra a história completa e continue a jornada. Disponível na Amazon em capa comum e capa dura, além da versão em ebook.

O livro está disponível em vários idiomas, incluindo: Espanhol – Inglês – Português – Francês – Italiano – Alemão.

Aqui está o link para a versão em português na Amazon: **“Caminhar com dignidade”**.

<https://a.co/d/o8aEP77Y>

Encontre todos os links para os idiomas publicados em www.miltonchanes.de



Índice

Caminar com dignidade.....	7
Prólogo.....	9
Introdução.....	15
Parte I	25
O começo do caminho	25
Capítulo 1.....	27
As cinzas de um sonho	27
Capítulo 2.....	43
O conselho do médico.....	43
Capítulo 3.....	51
Sem perguntas não há respostas	51
Capítulo 4.....	69
Mãos chinesas	69
Capítulo 5.....	81
A única luta que importa.....	81
Capítulo 6.....	95
<i>Sōkon Matsumura</i> , o grande mestre do <i>Shuri—te</i>	95
Capítulo 7.....	Error! Bookmark not defined.
O eco de Matsumura	Error! Bookmark not defined.
Capítulo 8.....	Error! Bookmark not defined.
A linguagem oculta do movimento	Error! Bookmark not defined.
Capítulo 9.....	Error! Bookmark not defined.

A cauda do tigre	Error! Bookmark not defined.
Capítulo 10	Error! Bookmark not defined.
Tora no maki	Error! Bookmark not defined.
Capítulo 11	Error! Bookmark not defined.
Voltar à origem	Error! Bookmark not defined.
Capítulo 12	Error! Bookmark not defined.
O nascimento dos <i>Pinan</i>	Error! Bookmark not defined.
Capítulo 13	Error! Bookmark not defined.
A força das letras	Error! Bookmark not defined.
Capítulo 14	Error! Bookmark not defined.
Meisei—juku	Error! Bookmark not defined.
Capítulo 15	Error! Bookmark not defined.
A arte de Okinawa	Error! Bookmark not defined.
Capítulo 16	Error! Bookmark not defined.
Completar o círculo	Error! Bookmark not defined.
Parte II	Error! Bookmark not defined.
O espírito do dōjō	Error! Bookmark not defined.
Capítulo 17	Error! Bookmark not defined.
A recepção.....	Error! Bookmark not defined.
Capítulo 18	Error! Bookmark not defined.
O mestre embaixador.....	Error! Bookmark not defined.
Capítulo 19	Error! Bookmark not defined.
Além das ruínas	Error! Bookmark not defined.
Capítulo 20	Error! Bookmark not defined.
O herdeiro.....	Error! Bookmark not defined.
Capítulo 21	Error! Bookmark not defined.

Instantes armazenados	Error! Bookmark not defined.
Capítulo 22	Error! Bookmark not defined.
A garrafa interminável.....	Error! Bookmark not defined.
Capítulo 23	Error! Bookmark not defined.
Rostos desvanecidos	Error! Bookmark not defined.
Capítulo 24	Error! Bookmark not defined.
O americano	Error! Bookmark not defined.
Capítulo 25	Error! Bookmark not defined.
O lutador de Ryūkyū	Error! Bookmark not defined.
Capítulo 26	Error! Bookmark not defined.
O guerreiro com guarda-chuva e <i>geta</i>	Error! Bookmark not defined.
Capítulo 27	Error! Bookmark not defined.
A força dos princípios	Error! Bookmark not defined.
Capítulo 28	Error! Bookmark not defined.
Nijū—kun	Error! Bookmark not defined.
Karate-dō Nijū-kajō	Error! Bookmark not defined.
Parte III	Error! Bookmark not defined.
Não é um reino	Error! Bookmark not defined.
Capítulo 29	Error! Bookmark not defined.
Entre o budō.....	Error! Bookmark not defined.
e a burocracia	Error! Bookmark not defined.
Capítulo 30	Error! Bookmark not defined.
Associação primeiro, estilo depois.....	Error! Bookmark not defined.
Capítulo 31	Error! Bookmark not defined.
<i>Kanpai</i> de trégua	Error! Bookmark not defined.

Capítulo 32.....	Error! Bookmark not defined.
O príncipe que não chegou a rei.....	Error! Bookmark not defined.
Capítulo 33.....	Error! Bookmark not defined.
Nihon Karate Kyōkai	Error! Bookmark not defined.
Parte IV	Error! Bookmark not defined.
O legado	Error! Bookmark not defined.
Capítulo 34.....	Error! Bookmark not defined.
Beijū	Error! Bookmark not defined.
Capítulo 35.....	Error! Bookmark not defined.
Papel selado	Error! Bookmark not defined.
Parte V	Error! Bookmark not defined.
A despedida	Error! Bookmark not defined.
Capítulo 36.....	Error! Bookmark not defined.
O papel e o fogo	Error! Bookmark not defined.
Parte VI	Error! Bookmark not defined.
Shotōkan	Error! Bookmark not defined.
Capítulo 37.....	Error! Bookmark not defined.
Shiai	Error! Bookmark not defined.
Capítulo 38.....	Error! Bookmark not defined.
A casa de Shōtō	Error! Bookmark not defined.
Parte VII	Error! Bookmark not defined.
Capítulo 39.....	Error! Bookmark not defined.